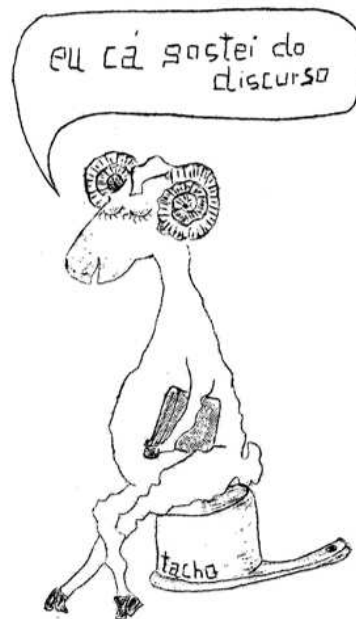


RETALHOS DA VIDA DE UM BIBLIOTECÁRIO

Quando se rememora a história da Crise Académica de 1969, preconizada pela Academia de Coimbra na luta pela democratização do Ensino, pela Liberdade, o fim da guerra colonial e da própria ditadura do *Estado Novo*, entre documentos, fotografias, testemunhos escritos e possíveis notícias jornalísticas que, inteligentemente, ludibriaram o *lápiz azul*, emergem alguns pertinentes desenhos humorísticos, criados à medida que ocorriam os acontecimentos, por parte do então estudante do curso jurídico, Carlos Santarém Andrade. Ao olhá-los a esta distância, numa perspectiva cronológica, apetece dizer que, com Santarém Andrade a *banda desenhada* chegou à Crise Académica, numa denúncia e crítica mordaz e satírica a situações como a militarização da Alta de Coimbra, a solidariedade para com os colegas presos, a vergonhosa protecção policial a estudantes que rompiam a decisão magna de greve aos exames e se deslocavam às respectivas faculdades, ou, como desenho mais delirante, aquele que gozava com o discurso televisivo do então ministro da educação, José Hermano Saraiva, numa citação tão simples como provocadora “eu cá gostei do discurso!”.

Carlos Santarém Andrade faz parte, por direito próprio, da história desta Crise Académica, não porque tenha ocupado o lugar de Alberto Martins – que face a tantos “revolucionários” que agora dizem que lá estiveram e disseram, chega a afirmar, em brincadeira, que às vezes duvida que tenha sido ele a levantar-se e a pedir a palavra a Américo Tomás – mas porque Santarém Andrade foi, na altura, o que sempre tem sido: um homem discreto, longe de protagonismos bacocos, mas marcando a sua presença quando necessário. Os desenhos o comprovam. E assim tem sido ao longo dos anos, pois, para além do seu papel, em 1969, fruto da sua envolvimento cívico na resistência estudantil ao regime ditatorial – foi membro do Secretariado do Conselho das Repúblicas (CR), que teve acção preponderante na luta contra as Comissões Administrativas da AAC, a partir de 1965, na reedição, a partir de 1966, do jornal do CR, “O Badalo”, e um papel central na Crise de 69 – Santarém Andrade é uma memória viva da história de Coimbra fruto de um imenso trabalho de estudo, de investigação e de divulgação do património material e imaterial desta cidade, bem patente nas suas publicações que fazem parte do acervo documental da Biblioteca Municipal de Coimbra, a qual chefiou entre meados da década de 80 até inícios do século XXI.

A Carlos Santarém Andrade é devido, merecido e pertinente, um público reconhecimento pela sua Obra, pela suas competências e sabedoria histórica e científica, ao qual a Biblioteca Municipal de Coimbra se apraz ser pioneira nesse agradecimento.



30.4.69

